

#6
19554/18



SAUDADE

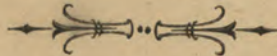


Deposta na Campa do Conselheiro

AUGUSTO C. BARJONA DE FREITAS

Por

A. F. B.



EVORA

EMPRESA TYPOGRAPHICA EBORENSE

Rua do Paço, 43, 45 — Alarcova de Baixo, 44 45

1900



400
19554-18

COMPRA

R. 173786

AUGUSTO C. BARBOSA DE FREITAS



Tal como ao dia se succede a noite,
Contraste singular de luz e sombras
E' dos homens a vida neste mundo!
Desde o levante ao ponente della,
Ou desde o nascimento até á morte
E' dia claro, a que succedem trevas
Da morte escura, da sombria noite,
Até que rompa a aurora a novo dia,
A novo nascimento, a novo occaso;
E assim, perpetuamente se repetem
Dias e noites, nascimentos, mortes,
Na duração dos tempos infinitos.

O nascer e morrer, se bem que oppostos
 Pareçam indicar effeitos varios
 'Nessa apparencia de contrarias causas,
 De principio e de fim de uma existencia,
 Outra cousa não são mais que synonymos,
 Que a mesma ideia de começo exprimem.

O nascimento dá principio á vida
 Palpavel, sensitiva, á flor da terra,
 Entre seres eguaes da mesma especie,
 Homens, se homens são, se o raciocinio
 Seus actos mede, seu talento applica
 Da humanidade 'num commum proveito,
 Ou irrationaes. se só instinctos
 Guiam seus passos, seus desejos pautam.

A morte dá principio a vida nova,
 Vida inexplicavel de repouso,
 De apparente socego e paz tranquilla,
 Sem haver ambições, sem ter invejas,
 Combates de paixões, profundas dores,
 Vida sem vida, ou talvez com ella!
 Insondavel mysterio alem da campa!...

A vida e morte, de corrente electrica
 São apenas scissão de alguns instantes,
 Que novas vidas dão a novos seres.

Como dois polos de uma pilha ingente
 Contrarias forças indicar costumam,
 Sendo uma apenas, se reatados forem,
 O nascer e morrer são dois rheophoros
 Da pilha colossal, alma do mundo,
 Da continua successão da vil materia,

Da eterna duração do ser humano
Na faísca immortal, que a Deus o eguala !

Não morre, pois, o homem, eternisa-se
De todos na memoria e nas paginas
Da historia universal de qualquer povo;
Vincúla o nome seu a seus trabalhos,
Como se em bronze se fundira em estatua
De aos evos arrostar, como as Pyramides
Erguidas nos desertos do Egypto
Millenas de annos durarão ainda
Sobre outras tantas que já têm contado !

Não morre, pois, não morre; perpetua-se
Não só nas obras que fizer grandiosas,
Mas nos filhos que deixar, na descendencia,
Nos fructos da scissão dessa corrente,
Mysteriosa força potentissima,
Que gera a flor mimosa, o igneo raio,
Que compõe e decompõe, sublime essencia
Fonte de vidas, e de mortes causa !

Barjona não morreu ; agora vive
A vida incomprehensivel da materia,
Terra sob a terra em que vivera
Vida de glórias de um genial talento,
Quer no fôro, tribuna, ou no conselho,
No Codigo civil, e, mais que tudo,
Na Reforma penal, que tolhe a morte
Ordenada da lei, a qualquer homem,
Quer no culto adoravel da amisade
Que a muitos, muitos partilhar fizera,
Com bondoso coração á dor sensível !

Desses muitos um sou, foi meu amigo,
 Seu amigo fui eu, e sel o-ei sempre,
 Com dor pungente, com profunda magoa,
 Em quanto o sopro divinal da vida
 Meu fragil corpo sustiver erguido ;
 E enquanto a lucidez de meu espirito
 A' santa adoração me der lembranças
 Contra o olvido, contra a acção do tempo,
 No altar da gratidão hei de o seu nome
 E a sua imagem adorar saudoso.

Espirito gentil! Talento altissimo!
 Astro brilhante que no occaso entraste!
 Lá 'nessa estancia onde quer que existas.
 Vê que te lembram os que hão de ir ainda,
 Vê que te adoram os que cá ficaram,
 E acceita-me esta roxa *saudade*,
 Extemporanea flor de uma alma triste.

Evora, Julho de 1900.



A. J. B.



429
 19554 18

Faint, illegible text, possibly bleed-through from the reverse side of the page.

Second block of faint, illegible text, also appearing to be bleed-through.

A single line of faint, illegible text at the bottom of the page.